

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.



Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

MODAS.

Neste nosso artigo, bem como nos mais que temos publicado, e continuaremos a publicar sob o título — *Modas* —, não procuramos, nem temos pretensões de brilhar nessa especialidade, que tanta difficuldade apresenta pelas innumeras transformações e caprichos de que se alimenta; buscamos unicamente levar ao conhecimento de nossas charas leitoras, o que mais em voga se achar, a respeito de modas, em Paris, á proporção que d'alli nos vierem chegando as precisas noções: dito isto uma vez, e assim entendido para todas, entramos na materia.

Fazem-se em geral muitos vestidos de baile com os corpinhos enroupados. Esta moda assenta admiravelmente nas senhoras delgadas e altas. Os corpinhos de cabeção e de suspensorios continuão a ser approvados. Traz-se muito garças entretecidas em seda branca, de um effeito maravilhoso: este tecido faz-se em todas as côres; mas o branco, o côr de rosa e o azul, são os que predominão. Grande numero de vestidos tem tres saias reerguidas com presilhas de flores, o que é de uma graça, e de um realce indisciplináveis. Os vestidos enfeitados de flos, deixão vêr não poucas vezes, sobre os mesmos flos, um semeado de florinhas ou pequenos ramos de flores.

Ainda que estejam geralmente adoptados os

ornatos de cabeça, chamados *cache-peigne*, fazem-se tambem muitos em tufo sobre os lados, reatados mui frequentemente por uma travessa de flores, de fitas, ou um torçal de veludo collocado onde principião os baudós. Estes toucados deixão vêr completamente a parte posterior da cabeça, o pente e o torcido de cabello, que fórma o amarrado.

Para *toilettes* serios, fazem-se muitos toucados compostos de uma barba de blonde ou renda de linho, entremeiada de plumas ou flores. Este genero diz muito bem nas pessoas que não danção; e é tambem de muito bom gosto para *toilette* de spectaculo: algumas vezes acompanha-os com prisões de pedras ou brilhantes, que se fixão de um lado e outro, e que scintillão no meio das flores.

Os collarinhos ou camisinhas entretecidas, são o acompanhamento obrigado dos vestidos de corpinho ascendente: e ha grande variedade de fichus ou lenços de pescoço de senhoras, de berthas, de cabeções em *guyure* ou em renda, para vestuarios de jantar, de theatro, ou de concertos; o que é muito da moda, principalmente o lenço chamado *Maintenon*, formandoromeira de ponta adiante, acompanhada de uma vasquinha separada. Este fichu faz-se de filó guarnecido de um duplo folho de renda, que orna o fichu e a vasquinha, e sobre o qual colloca-se

sita em preguinhas; a frente é adornada de um grande laço de fitas.

A intemperie da estação, torna cada vez mais necessário o emprego dos cosmeticos amigos da pelle; pelo que recommendamos ás se-

nhoras o sabão ou succo de alfaca de *Legrand*, perfumista do Imperador dos Francezes; bem como para prevenir a queda do cabello; é uma panacea infallivel a *melosine* do mesmo author.

DESCRIPÇÃO DA ESTANPA.

VESTUÁRIO DE BAILE. — Vestido de nobresa e filó ornado de rolos de setim e tufos de flores com folhagem para baixo.

O corpinho é ornado de um pequeno cabeção de nobresa sustendo outro maior de filó, em cuja parte baixa estão espassados cinco rolos de setim em relevo. Tres grupos de flores ornão este cabeção.

O corpinho é de ponta adiante e espartilhado atraz.

Sobre o vestido de nobresa estão postas umas sobre outras tres saias de filó terminando cada uma por sete rolos.

Em torno e sobre as duas saias de baixo vê-se grupos de flores.

Penteado de cabelos levantados fofos, ornados atraz de uma corda de flores com folhagens compridas e cahindo.

VESTUÁRIO DE LUTO ALIVIADO. — Vestido

de moire antigo, ornado de prisões em azeviche e tufos de escomilha preta.

Corpinho de vasquinha justo; aberto e quadrado adiante formando as abas pregas, uma sobre cada quadril e duas por baixo das costuras das costas.

A saia é guarnecida de cinco ordeus de fofos de escomilha presos de distancia em distancia com laços de azeviche: Camiseta de renda.

Mangas curtos, justas terminando por um folho de pregas largas. Toda a margem da vasquinha é guarnecida de laços d' azeviche, bem como um guarnece a manga e outros assentão sobre o nasimento das pregas das abas.

Sub-mangas de escomilha preta terminadas com um folho de filó branco com guaraição de renda.

Penteado — Cabellos ondulados entufados puxados para traz e presos por um laudó de veludo preto ornado de azeviche e com um laço todo em pingentes do mesmo e cahindo soltos sobre a nuca.

CHRONICA DOS SALÕES.

Leitoras, lembro-me da promessa que vos fiz no meu ultimo artigo, no qual me comprometti a noticiar-vos as occorrencias do baile da sociedade *Yestal*, que teve logar no sabbado da semana passada; mas farei mais do que isso: fallar-vos-hei tambem de outros, de que tive innuocuos noticias.

Houve, pois, nessa noite o baile anunciado, ao qual concorrerão tantas senhoras, que foi necessario providenciar-se para augmentar-se o numero de cadeiras. Nunca vi tanta senhora reunida; e parece que nenhuma quiz deixar de comparecer, para ter o gosto de apresentar um mais lindo vestido, um mais elegante penteado, um mais apurado gosto em todo o seu *toilette*.

A parte harmonica começou pela brillante execução de uma aria, na qual a voz da Ex.^{na} Sra. D. Emilia Nervi, conservou todo o auditorio na mais religiosa attenção: Seguiu-se a execução de um duetto por uma outra senhora, que cantou admiravelmente, acompanhando-a com a segunda voz o Sr. Orlandini, cujo talento é bem conhecido. A Sra. D. Emilia cantou depois, acompanhada pelo Sr. Diaz, o brillante duetto de *Torquato*, no qual a talentosa dilettanti pôz em acção a graça e expressão do seu delicado sentimentalismo. A esta senhora,

seguiu-se outra, que, com os dous cavalheiros já citados, cantou um brillante terretto. Applausos sinceros acompanháráo sempre as ultimas notas de cada peça.

Terminada esta parte do divertimento, e servido o chá com a regularidade, acção e abundancia com que sôe ser sempre servido, a orchiestra deu o signal da primeira quadrilha; e os cavalheiros confundirão-se logo entre as senhoras, admirando mais de perto o bom gosto de muitos *toilettes*, o brilho de muitos olhos, e a graça de muitos semblantes angelicos, sob o pretexto de tirarem pares. Notei que não houve nesta reunião cor alguma predominante dos vestidos; foi completa a variedade nelles, assim como nas flores e nas fitas. Era lindo, o alvo vestido branco guarnecido de tres folhos de lavor dourado, que trajava uma linda noiva, sem duvida orgulhosa do bello e estimavel ente a cuja existencia prendeu a sua. Um lindo vestido de seda azul celeste não deixou de ser admirado, fosse por elle só ou pela elegancia de quem o trajava. Um outro alvo e candido como a alma da senhora virtuosa que o trajava, era ornado de tres folhos bordados de flores azues. Ainda dous cor de rosa, erao guarnecidos tambem de folhos lavrados, um de bordadura de



LES MONITEURS DE LA PAIX

de Paris, Rouen & Valenciennes

*Les gendres de M^{lle} de la Courte - Les gendres de M^{lle} de la Courte
Les gendres de M^{lle} de la Courte - Les gendres de M^{lle} de la Courte
Les gendres de M^{lle} de la Courte - Les gendres de M^{lle} de la Courte*

LONDON: the British office, 11, Old Bailey, N. 11, 1864

Small text at the bottom left corner, possibly a printer's mark or address.

retroz preto, outro de lavor branco. Alguns vestidos pretos apresentavão elegantemente um lindo contraste com a alvura da tez dos seus semblantes; e flores escarlates guarnecedo-lhes os peitos, parecião retratar os mais risinhos labios. Se eu fóra homem ficaria louco e indeciso sobre a preferéncia que houvesse de estabelecer entre tantas bellas, como a borboleta volteja perdida e incerta na escolha de uma de todas as lindas flores que ornão um jardim na primavera, para repousar-se sobre as mimosas petalas.

Prender descrever um baile como este é desconhecer os impossiveis; e eu conheço tantos que não proseguirei sobre este para não incorrer na minha propria censura.

Na mesma noite deste sabbado teve lugar o baile da sociedade *Campestre*, cuja concorréncia não foi menor, segundo me constou; e nelle foram notados vestidos de admiravel elegancia e delicado bom gosto.

Além de mais outro baile que nós consta ter havido, teve tambem lugar, ainda na mesma noite, o da sociedade *Harmonia*, em Nictheroy.

Disse-nos uma amiga fidedigna, que foi elle brilhante, rico, concorrido e animado. Os amantes e as graças tiverão seus cultos; es olhos lindos receberão avassalagens, os risinhos labios tiverão adorações, e, (disse-nos a tal amiga) as velhas tiverão o seu chá e seus biscoitos.

Na quarta-feira, consta-me que a partida do *Club Fluminense* foi sómente de homens em consequencia de dar na mesma noite o seu esplendido baile a sociedade *Recreio Militar*. Os militares merecerão em todos os tempos muitas attentões do bello sexo; e por isso não admira que esta reunião fosse tão concorrida como o foi, e enriquecida por tantos elegantes *toilettes*, a cujas flores se humilhavão as mais soberbas dragonas. As proprias espadas e as lanças, se ahi tivessem entrada se deixarião quebrar por um alfinete, se abaixariao submissas ao mais ligeiro aceno de uma delicada mão, como adquiririão inaudita coragem para defendei-a. Mas um riso..... um suspiro desprendido quente do peito dissolveria o metal das armas todas; não é verdade senhores militares?

Alina.

JARILLA.

PELA SRA. D. CAROLINA CORONADO.

(Continuado do n. 24.)

V.

O que encontrou Roman na falda da serra de Monsalud.

Non vos acuiteis senora.
ROMANCIERO.

Tinha eu dicto que o cavallo não queria caminhar, e que Roman, examinando o sitio, encontrára um objecto que fez perder os sentidos á rainha. O horizonte estava soberbo. Avermelhado como um vulcão, uma nuvem enxofrada reflectia sobre os campos, uma côr que aformoseava os objectos; a paisagem tomára vida e movimento, e parecia que uma nova aurora mais animada que a que vemos todos os dias, ia illumiar a terra. A atmosphera suffocava, e produzia uma languidez deliciosa. Sentia-se o esvoaçar dos passaros que roçavão a superficie do arroyo, ou se escondião pelas penhas e pelas arvores. Os salgueiros, sacudidos pelo vento, beijavão as crespas ondas do regato do *Mouro*, e arrojavão depois a agua, que tinham bebido sobre as seccas plantas, que refrescavão como chuva artificial. Um bando de corvos pairava sobre o sitio aonde Roman se detéra.

A rainha estava formosissima; trazia um vestido de lã negra, primorosamente bordado, e um engraçado elmo talha, cuja dureza contrastava com a alvura do seu semblante.

Quando desmaiou, e Roman lhe descingiu o elmo, a pallidez havia-a tornado mais formosa ainda... A chuva, que leutemente começava a despegar-se das nuvens, esmaltára-lhe o semblante, dando-lhe dobrados encantos.

Em quanto Roman a soccorria, esvoaçavão-se os corvos diapte do cavallo, e dando enormes picadas entre as hervas... Porém, agora me lembro que esqueci um capitulo em que devia explicar como o rei communicou a Roman a resposta do arcebispo.

Retrocedendo pois, um pouco, direi que D. João recebeu a resposta do arcebispo; porém, nada disse a Roman, entregando-lhe sómente o pergaminho que lhe era dirigido, como assumpto de consciencia que devia communicar-se-lhe secretamente. Comtudo o rei ficara satisfeito com o que sabia, e era incontestavel que a Igreja favorecia o protegido de S. A.

A antipathia do rei para com o marquez de Vilhena, era tão antiga e tão profunda, que S. A. folgava com tudo o que fazia desesperar o ancão. Em troca, amava Roman como seu filho, e queria sustentar a alliança com a illustre casa de Silves por meio deste casamento. D. Alvaro estava de accordo com o rei; porque sabia que tarde ou cedo Vilhena podia rebelhar-se, e a sua influencia em Portugal havia de ser muy pernicioso. Bastante dava a conhecer o marquez a sua má disposição, conservando-se no

castello, quando em pós do rei marchára tola a nobreza. Assim a resposta do arcebispo satisfez os desejos de ambos.

— Porém os corvos não cessavão de picar a herva — ; que objecto os atrahiria alli !

Sem duvida deve ser o mesmo que espantou o cavallo. E o que foi que espantou o cavallo ? Mil juizos temerarios terão formado as minhas leitoras, ácerca do horrivel objecto que encon- trarão os viandantes na falda da serra de Non- salud.

Allim suspirou D. Leonor, e abriu os olhos.

— Socegue, minha senhora, disse-lhe Roman.

— Ah ! a cabeça !... exclamou a rainha.

— Esquecei-vos disso.

— Quem será, Roman ?

— Não fallemos mais nisso. Venha S. M. para este lado.

E Roman, sustendo com um braço a rainha, e com o outro segurando-lhe as reedas do cavallo, tomou a direcção do castello de Nogaes.

Ao mesmo tempo sahia do de Salvaterra o principe D. Henrique e o marquez de Santilhana, com a sua correspondente comitiva.

— Sabes, Santilhana, ja dizendo o principe, que não sei o que pense do desaparecimento da tua noiva !

O marquez suspirou, e ergueu os olhos para o céu.

— Parece-me que estavas um pouco namorado della ?

— Ah ! exclamou Santilhana, se ella era tão innocente !

— Olé !

— Como uma andorinha !

— Basta, não me quebres os ouvidos com essas comparações estupidas dos poetas ; fallemos d'outra cousa. Tu segues para Toledo. Eu espero em Noyales a resposta d'el-rei. Se for favoravel, marcharei a seu lado ; aliás abalo para Toledo. Tem sempre presentes as minhas instruções. Não esqueças frei Lopes de Medina. Communica a Sanches o estado deploravel do meu bolsinho ; que me arranje dinheiro. O Pacheco, que esteva...

O principe continuou dando as suas ordens, e pouco depois separáram-se : o Santilhana tomou para a direita, e transpoz os serros que hoje se chamão *Barbellido* e o *Morro*; e o principe para a esquerda com direcção ao castello que lhe pertencia por doação de seu pai. Colheu-o a tempestade antes de chegar ás suas muralhas, e entrou nelle ao mesmo tempo que a rainha de Aragão, e o seu fiel cavalleiro. Apenas tinham tido tempo de annunciar-se, e de se dar a conhecer os illustres hospedes ; estremeceu o castello de alto a baixo com o rebentar da trovoadá, as nuvens antontoavão-se por sobre elle, mergulhando-o em profundas trevas. — Os relampagos penetravão pelas estreitas janellas como serpentes abrasadas. Sobreveiu a chuva de pedra, que quebrou todos os vidros e apagou quantas luzes estavam accesas. O furacão entrou por aquellas roturas, arrastando quantos objectos leves havia pelos aposentos ; entre estes, rojárao pelo chão atapetado uma coroa de rosas brancas, e um collar de perolas, que não sabemos quem tinha alli deixado.

(Continúa.)

POESIA.

QUEM ME DERA...

(N'UM ALBUM).

Quem me dera ser o sol,
Que, rei sobre o horizonte,
Desce á terra e beija a fronte
D'aquella que eu ousou amar !

Quem me dera ser a lua,
Que, fulgido em noite amena,
Mysteriosa luz serena
Nas faces lhe vem pousar !

Quem me dera ser estrella,
A fulgurar sciutillando,
Quando, para os céus olhando,
O meu Bem a vê brilhar !

Quem me dera ser a brisa,
Que lasciva se lhe encia
N'aurea trança, quando ondeia
Pelo rosto a serpear !

Quem me dera ser a flôr,
Qu'ella prende ao niveo scio,
Qu'ella afaga sem receio
Do pejo a cór lh'avivar !

Quem me dera ser a sombra,
Dos seus passos elegantes !
Aos seus unir meus instantes,
Sempre junto della estar !

Quem me dera ser um souho,
Dos que tecem mil venturas,
Qu'embalasse em mil doçuras
O seu puro repousar!

Quem me dera ser menino,
Pender-lhe do collo amado,
Em seus braços apertado
Seus beijos com os meus juntar!

Quem me dera ser um Cresso,
Senhor d'immenso thesouro;
Que riquezas, joias, ouro...
Tudo lhe queria offertar!

Quem me dera ser um nobre,
Conhecer cem gerações;

Meus solares, meus brasões
Queria-os só para lh'os dar!

Quem me dera ser guerreiro,
Do mundo conquistador,
Para lh'ir aos pés depôr
Trophéus do meu triumphar!

Quem me dera ser o anjo,
Que guardasse os dias caros,
Que animasse os dotes raros
Da sua alma singular!

Quem me dera ser tão querido,
Como eu quero á minha Armia!...
Se o fosse..... ella cuidaria
Só em mim tudo lograr!

Silva Leal.

HISTORIA DE UMA ROSA.

I.

A galeria, parallelá á corrente do Senna, que junta o palácio das Tulherias ao Louvre, acabava de ser construída segundo o modelo de Philibert de l'Orme; e, á 15 de janeiro de 1664, Luiz XIV quiz descer ás vastas estufas, onde Le Notre tinha reunido, das quatro partes do mundo, as mais raras flores e as mais curiosas plantas.

O ar que se respirava sob estas abobodas era mórno e perfumado como o de um dia de primavera. Á direita do Senhor estava Colbert, pensador, silencioso, sempre occupado com gigantescos projectos; ou lamentando vêr o maior rei do mundo desvairar em mil intrigas amorosas: á sua esquerda, Lauzun, esse ambicioso cortesão que nunca teve bastante subtileza para perceber o odio disfarçado em afeição real, e que devia pagar mais tarde, no castello de Pignerol, o crime de ser mais amavel e mais bonito do que o rei.

— Senhores, disse Luiz XIV, mostrando ao seu ministro e ao seu favorito a mgica avenida de laranjeiras, cujos fructos se destacavão sobre uma sombria cortina de verdura, não é este um nobre presente de nosso antigo inimigo Philippe IV, agora nosso avô? Elle despovoou os seus jardins para ornar as Tulherias, e a infanta de Hespanha, vindo as nossas bellas arvores, não terá saudades das sombras do Escorial.

— Senhor, disse gravemente Colbert, a rainha chora por uma perda muito mais dolorosa.... a da vossa afeição.

— Ora, exclamou alegremente Lauzun, para ter saudades de alguma cousa é necessario conhecer-la!... Ora, se eu me engano...

— Silencio, senhor duque! as vossas expres-

sões levianas nos offendem, tanto como a reprehensão indirecta que as precederão!.....

— Sr. de Colbert, o meu casamento é obra da politica de Mazarin; basta que eu vos diga, penso eu, que se não consultou o meu coração.

O ministro inclinou-se sem responder.

— Quanto a vós Sr. de Lauzun, continuou o rei, não vos esqueçais mais de que Maria The-reza é rainha de França, e que a natureza dos nossos sentimentos a seu respeito não deve ser objecto de discussão alguma.

— Senhor, vós me desesperaes por ter podido desagradar-vos.

— Esqueçamos isto, disse Luiz XIV, aproximando-se de um homem bastante moço ainda, que não tendo sido prevenido da visita do rei, tinha despido a casaca para cortar á vontade uma soberba roseira da Hollanda.

Este homem era o celebre jardineiro Le Notre. Tinha elle, no anno antecedente, traçado o jardim das Tulherias, e occupava-se então em cuidar dos arbustos que devião ornar, na primavera, os bosques reaes. Preoccupado por alguma lembrança, aparentemente muito desagradavel, Le Notre não tinha presentido os visitantes. Elle resmungava comsigo, deixando escapar pragas mais que energeticas ao tempo que passava a louchiar pelos ramos da roseira.

— Então! estamos de máu humor? perguntou-lhe Luiz XIV.

Em presença da Magestade Real, o jardineiro não teve muito tempo de vestir a casaca. E exclamou sem mais preambulo:

— Senhor; justiça!... Esta manhã, as damas de honra da senhora rainha-mãi fizeram uma excursão pelos meus dominios, e não attenderão ás minhas representações nem ás minhas supplicas.

Vê-de esta planta de magnolia d'America é a unica que Vossa Magestade possui.... Pois bem, Senhor, ellas cortarão-lhe as mais lindas flores. Colherão as laranjas e destruirão as rosas! Felizmente pude esconder-lhes a mais bella roseira, minha filha querida, que eu cultivo com mais amor, e que viverá cincoenta annos, contando que se tenha cuidado, se eu morrer antes, de não lhe deixar produzir senão uma rosa em cada estação.

Le Notre foi collocar-se á alguma distancia do arbusto que elle elogiava.

— E' a rosa de cem folhas, Senhor! Salvei-a da pilhagem: mas declaro a Vossa Magestade que se um igual facto se repete....

— Ora vamos: acalmemo-nos; disse Luiz XIV, as moças são como as borboletas; ellas gostão das flores.

— Oh! Senhor, as borboletas não quebrão os ramos e não comem laranjas.

O grande rei, surriu-se a esta advertencia do jardineiro.

— Vejamos, lhe disse elle, quaes são as culpadas.

— Todas, Senhor!... isto é, não: a colera me torna injusto. Una só não seguiu o exemplo de suas companheiras. Era a mais bella, Trésca como esta rosa e meiga como um anjo.

A pobre moça procurava consolar-me em quanto as outras pilhavam como em paiz conquistado. Ella se chamava Luiza.

— Era Mlle. de La Vallière, disse Lauzun a Luiz XIV, essa moça que notaste hontem na companhia de M^{me}. Henriqueta.

— Pois ella terá a sua recompensa, disse o rei. Queremos que Mlle. de La Vallière seja a unica, de todas as damas de honra, que assista ao baile que damos aqui esta mesma noite.

— Um baile!... Ah! minhas pobres flores! exclamou Le Notre, juntando as mãos com terror.

Colbert, cuja primeira observação tinha sido mal acolhida pelo rei, tinha julgado conveniente não se intrometer na conversação precedente. Todavia, quando ouviu formar um projecto de baile, julgou dever lembrar que Luiz XIV tinha promettido audiencia a dous architectos, Claudio Perrault e Liberal Bruant: o primeiro devia apresentar os desenhos do Observatorio, o segundo o plano do palacio dos Invalidos.

— Recebei vós esses senhores, respondeu o rei. Nós dançaremos em quanto vós trabalhades para a nossa gloria, Sr. Ministro: a posteridade não o saberá. Sómente, para ornar estas paredes despidas, mandei pedir á manufactura dos Gobelins, que acabais de fundar, algumas dessas bellas tapeçarias, das quaes nos teceste o elogio.

Com grande desespero de Le Notre, teve pois logar o baile nas estufas metamorphoseadas, em uma vasta galeria, onde se confundiu mil lustres radiantes de brilhantes e de flores. Cada laranjeira parecia um gracioso candelabro de verdura, e sustinha velas nos seus ramos. Era um golpe de vista arrebatador, todas essas arvores floridas, esses semblantes de mulheres animados pelo prazer, e que se lançavam em multi-

ção sobre a passagem do rei para obter um olhar.

O vento branhiã fóra, e o pobre Lirivata de frio sobre o chão das ruas; mas, em compensação, a corte dançava, como em um dia de verão, á sombra, e respirava perfumes embriagadores.

A joven rainha não se achava nesta alegre reunião. Maria Thereza, humilde e reservada, fugia dos prazeres ardentes a que se entregava o monarca, seu esposo, e fazia constante companhia á rainha-mãe, sua tia. Por consequencia o baile era presidido por M^{me}. Henriqueta e por Olympia Mancini, condessa de Soissons.

A meiga e tímida La Vallière se conservava modestamente afastada, quando o rei, que havia muito tempo a procurava com os olhos, a avistou á final debaixo desse mesmo pé de magnolia que suas companheiras tinham desguarnecido de flores, acto imprudente do qual estavam punidas não assistindo á festa.

Um instante depois a mão de Luiza tremia de emoção apertada pela mão do rei, que a tinha escolhida para seu par.

No fim do baile, Le Notre, que tinha recebido ordens formaes, levou a sua roseira favorita em um caixão ricamente dourado. O pobre homem parecia um condemnado que se leva para o supplicio.

Colleceu o arbusto no ultimo degráu de um estrado, em presença de todos: e todos puderão lêr sobre a caixa, estas palavras que outrora causáráo a desordem no Olympo *A' mais bella!*

Empallidecerão vinte rivaes, ao saberem que o duque de Lauzun tinha sido encarregado por Luiz XIV de fazer conduzir a roseira de cem folhas para o aposento de Mlle. de La Vallière.... Mas Le Notre ficou contente por obter a permissão de ir tratar a sua filha querida em casa da favorita do rei.

Esta rosa tornou-se um talismán misterioso ao qual a favorita ligava a perseverança do amor de Luiz XIV. Ella acompanhava com solicitude todas as phases da vegetação, tremendo á queda de uma folha, affligido-se, a ponto de chorar, quando um botão não nascia ao lado da rosa desabroxada para a substituir quando esta murchasse. Luiza só tinha cedido ao seu coração, e os sonhos da ambição não perturbavão sua alma candida. Tão terna, e tão vergonhosa por se-o, como o escreveu a Sra. de Sevigné, a pobre moça chorava o seu erro ante os altares. Seus remorsos a punião cruelmente pela sua felicidade, e mais de uma vez, o padre que dizia a primeira missa na capella de Versailles, ouviu soluços abafados partirem da tribuna real, e viu, voltando-se para a nave silenciosa, uma sombra branca ajoelhada... Este anjo cahido lembrava-se do Céu.

Luiza passou dez annos assim expiando com lagrimas a fraqueza do seu coração. Tornamos a achar no castello de S. Germano, a roseira de cem folhas collocada sobre uma mesa ornada de dourados, mas a pobre flor, a pesar dos cuidados de Le Notre, enclinava-se tristemente sobre o seu tronco enmurchecido. Junto della, Mlle. de La Vallière, que o rei acabava de nomear duquesa, chorava amargamente.

Ella tinha aceitado este titulo e as honras

que lhe crão inherentes, desgraçada! Tinha aceitado tudo isto por seus filhos; pois tinha dous filhos do rei.... que não a amava mais.

Luiza não confiava a sua dôr senão a Deus, e a uma sincera e discreta amiga, Francisca Athenais de Mortemar, duqueza de Montespan. Esta, que acabava de entrar, achou a favorita em pranto.

— O que é isso, exclamou ella, tendes uma graça e chorais? Não acaba o rei de dar-vos uma nova prova de amor? Luiza, vós o accusaveis injustamente?

Como unica resposta Mlle. de La Vallière dirigiu os olhos para a roseira.

— Meu Deus, que singular superstição tendes! disse a Sra. de Montespan, que tomou uma cadeira, e asseptou-se ao lado de sua amiga. Na verdade, é uma inconcebível puerilidade crer que a ternura do rei segue os destinos de uma flor... Vamos, menina, continuou ella, batendo com o seu leque sobre as mãos da bella desolada, vós sois sempre adoravel, porque não seríeis sempre adorada?

— Porque uma outra é mais habil para mostrar aos olhos do rei predicados que, sem duvida, não tenho.

Athenais mordeu os beiços. A expressão que Mlle. de La Vallière acabava de dar a estas palavras, lhe prestava um character de ironia que não podia escapar á esperta duqueza. Luiza comprehendia enfim que estava supplantada pela sua confidente, e que esta não lhe tinha feito até então protestos de amizade senão para perdela com mais segurança. Na vespera depois do jogo, não tinha Luiz XIV conversado longamente com Athenais nos apposentos da rainha? Não tinha elle gostado do modo alegre com que a Sra. de Montespan arremedava certas pessoas da côrte? E não tinha elle respondido com estas cruéis palavras ás queixas de amante de Mlle. de La Vallière:

— Luiza, estás louca! A vossa roseira vos fez confidencias: notai que ella me calumnia!

Quem senão Athenais tinha podido descobrir este candido mysterio de amor?... E em que circumstancias, oh Céus! tinha elle sido descoberto?

Mlle. de La Vallière, em presença da sua rival, tinha tentado enchugar as lagrimas; mas não tão promptamente que Athenais não o percebesse. O modo distrahido da Sra. de Montespan, suas consolações hyprocritas, suas caricias, cuja falsidade se tornava então evidentemente, irritarão Luiza á ponto que não pôde mais deixar de

fazer vêr que ella tinha advinhado a perfidia destes mesmos carinhos, e a alegria mal disfarçada nestas mesmas consolações.

Mas Athenais fingiu não comprehender que a setta lhe foi dirigida.

— Oh! meu Deus, exclamou ella levantando-se com ar desembaraçado, o rei acha em vós todas as vantagens, Luiza!

Ella aproximou-se da roseira, tirou de uma de suas luvas um pequeno frasquinho, e com um rapido movimento regou o pé do arbusto com um licór corrosivo que este frasco continha. Era a terceira vez que a Sra. de Montespan renovava esta indigna manobra, persuadida de que aquella que se chamava ainda afavorita não acreditaria na infidelidade do rei senão com o testemunho da roseira de cem folhas.

No dia seguinte Le Notre achou a roseira morta. Elle nunca devia esquecer esta perda, elle que não tinha outra familia senão as suas flores. Uma lagrima correu de seus olhos quando elle se voltou para Mlle. de La Vallière.

Luiza comprehendeu que não lhe restava alguma esperanza. Mais pallida que uma mortalha, pegou em uma thesoura de ouro e cortou a roseira fanada, aqual cobriu com um globo de crystal. Depois olhou para o céu para pedir-lhe forças para cumprir o seu sacrificio....

II.

O seculo de Luiz XIV cahia em ruinas com a sua gloria. Estava-se nessa época desastrosa em que a fome, pallida e descarnada, passeiava pelas ruas de Paris, ao tempo em que nas fronteiras Malborough e o príncipe Eugenio desbaratavam o exercito real. Os sinos de um convento da rua de S. Jaques tocavam o signal de morte, e duas longas fileiras de carmelitas silenciosas conduzião para a sua ultima morada uma das companheiras de sua penitencia.

Quando se retirãrão para as suas sellas, depois de haverem recitado as ultimas orações, um velho veiu ajoelhar-se junto da sepultura. Sua mão tremula levantou o globo de crystal deposto sobre a pedra, tomou uma roseira fanada que apertou contra os labios, e murmurou com a voz intercortada pelos soluços:

— Pobre mulher!... Pobre flor!....

Este velho era Le Notre, e a carmelita morta na vespera era soror Luiza da Misericordia, outr'ora Mlle. de La Vallière.

EUGENIO DE MIRECOURT.

BOLETIM MUSICAL.

Leitores, o nosso presente artigo é quasi um artigo de futuro: queremos dizer que temos antes que noticiar-vos cousas que havemos de ter, do que cousas que se passarão durante a semana. Começaremos por estas.

No sabbado da semana atrazada, subiu á scena pela segunda vez, a grande opera — *Anna Bolena* — cujo desempenho, se não foi melhor, em nada foi inferior ao da primeira representação. Houve grande concorrência, e os applausos foram

constantes, não obstante a injusta pateada que se tentou dar ao tenor Dufréne.

Na segunda-feira foi representada a — *Graca de Deus* —, em beneficio de uma dançarina. O espectáculo correu com bom desempenho, sobretudo na parte da nossa predilecta Sra. Charton. Na sexta-feira repetiu-se a ópera de sabado passado; e na quarta-feira houve no theatro de S. Pedro, ainda uma representação dos *milagres de Santo Antonio*.

A semana que findou hontem foi de tres representações lyricas, sendo duas da predilecta ópera — *Trovador* — e uma do — *Barbeiro* —. O nosso publico identificou-se de tal modo com a primeira destas duas operas, que se pôde contar com uma enchente infallivel ao vel-a annunciada.

Quanto á representação do — *Barbeiro* —, é ella uma das mais concorridas, não só pela musica classica em seu genero, como pelo perfeito desempenho que ella tem, sobretudo nas partes confiadas aos Srs. Bonché, Ferranti, e á eximia Sra. Charton, que nessa noite cantou no terceiro acto a aria do *Dominó Noir*, que foi grandemente applaudida.

Consta-nos que com a volta do vapor inglez Solent, os Srs. consul e vice-consul de Portugal em Pernambuco, enviaram a S. M. El-Rei D. Fernando, uma grande ouvertura sentimental que o compositor Joseph Fachinetti offerecera a S. M. o Senhor D. Pedro V. pelo fallecimento da S. Augusta e Virtuosa Mãe a Senhora D. Maria II; sendo a explicação do sentimento musical da ouvertura contida nos seguintes sete numeros.

1.º Agitação geral pelo recibo da proxima morte de S. M. Fidelissima.

2.º Dôr acerba de Seu Augusto Esposo; dos Príncipes seus queridos Filhos; de toda a corte e população de Lisboa.

3.º Entrevista assás tocante de El-Rei D. Fernando com Sua Real Esposa; ultimos conselhos e recommendações de seu animo esclarecido. Despedida fatal entre lagrimas e caricias a SS. MM. El-Rei, e Imperatriz Viuva.

4.º Surpresa e consternação geral dos habitantes de Lisboa com a noticia da morte da Virtuosa Rainha; bejâmão solenne do Real Cadaver; anúncio publico da desgraça nacional.

5.º Coincidencia infeliz da chegada da Princesa de Joinville, Augusta Irmã e Amiga predilecta da fallecida Rainha; doloroso estado da Princesa ao saber da noticia fatal.

6.º Segundo bejâmão respeitoso ao Real Cadaver; prestito funebre e solenne do Paço para o jazigo de S. Vicente de Fóra; acompanhamento voluntario de cidadãos de todas as classes e hierarchias; marcha real funebre pelas musicas militares; apparecimento da pomba sobre o caixão da Augusta Finada.

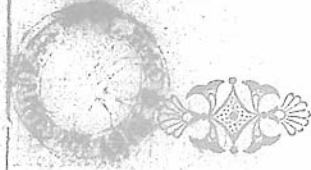
7.º Solemnidade importante dos actos religiosos; pranto saadoso de todos os circumstantes; deposito do Regio Cadaver; passo real funebre dobrado pelas musicas militares; suspiros e gemidos de dôr geral intima.

Agora possemos ao futuro.

Affirma-se ter sido contractada a nossa conhecida e eximia artista Stoltz, que deve achar-se nesta cidade no proximo mez de outubro. Ha de ser admiravel o seu desempenho na ópera — *Semiramis* —, á par da Sra. Charton. Demais, temos esperanza de ouvir novamente a — *Favorta* —, que tanto enthusiasmour o auditorio do nosso theatro. Felicitamos a directoria por esta brilhante acquisição. Espera-se tambem a Sra. La-Grua, soprano, que nos assegurou pessoa muito entendida, não ser inferior á Sra. Charton; tendo a vez talvez mais cheia. Será de grande utilidade para o publico e para as proprias cantoras, este engajamento; pois que uma só não pôde sem grande sacrificio, cantar operas fortes, tendo apenas dous, ou quando muito, tres dias de descanso. Por outro lado, não será o publico privado dos espectaculos, quando os incommodos de uma dama a impossibilite de cantar, como algumas vezes tem acontecido; pois em casos taes, embora seja mudada a ópera, terá sempre logar o espectáculo para divertir o publico.

Mandou-se tambem ordens para ser contractado o barytono Walter, o qual deve prestar bons servicos, embora o Sr. Arnaud nada deixe a desejar. Constá-nos ainda que se mandou vir um tenor, cujo nome ignoramos, que está em Montevideo. Além destes artistas, é tambem esperado um casal de dançarinos, gente inutil em nossa opinião, e cuja despeza é absolutamente superflua. Felizmente a directoria já comprehendeu que tendo maior numero de bons cantores, de modo que possa dar maior numero de espectaculos, apresentando ao publico operas escolhidas e novas na nossa scena, colherá avantajada receita para oppôr ás excessivas despezas que faz, principalmente agora, cujo pessoal augmentado por cantores notaveis, devem tornar-se maiores pelos grandes ordenados destes. Bem podia ser reduzida a verba despendida com o inutil corpo de baile, o qual não deixaria saudades, se fosse completamente extinto; porque quem frequenta o theatro lyrico quer ouvir boa musica, e não vai lá para ver insignificantes dançados.

Corina.



Accompanha este n.º 25 uma estampa com figurinos de baile e de luto.